

# A bioética atual e suas vicissitudes: o importante lugar do albañil Miguel Kottow

Luis David Castiel

Pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [luis.castiel@ensp.fiocruz.br](mailto:luis.castiel@ensp.fiocruz.br)

Conheci Miguel Kottow em um evento na Escola Nacional de Saúde Pública no Rio de Janeiro há bem mais de uma década, quando tinha a intenção de participar ativamente no terreno da bioética. Por sortilégios da vida, não permaneci vinculado ao campo, apesar das dimensões éticas que envolvem meu campo de estudos: a crítica social às atividades da medicina e dos efeitos das pesquisas epidemiológicas na saúde pública e nos modos de levar nossas vidas.

Creio que reciprocamente se criou na ocasião uma simpatia e afinidade - que deve transcender ao fato de ambos termos ascendência judaica... Mas, perdemos o contato e somente nos reencontramos em 2012, em função do convite formulado por Yuri Carvajal para realizar seminários em Santiago, quando Miguel se recuperava briosamente da Síndrome de Guillain-Barré que o havia atingido e da qual saiu com vigor.

Para prestar esta merecida homenagem, ocorreu-me partir da leitura que fiz de Carl Elliott (2010), um bioeticista estadunidense, em seu corajoso livro no qual critica 'o lado obscuro da medicina' e reserva o capítulo final aos eticistas. Aí, sinaliza que seria de imaginar que as companhias farmacêuticas, mesmo tendo uma reputação muito ruim em suas práticas mercadológicas, seriam sumariamente recusadas por

parte dos bioeticistas, em geral, em suas sedutoras ofertas de financiamentos de serviços e presentes sob uma variedade de maneiras diferentes.

Mas, isto não ocorreu. Muitos eticistas não viram isto como problema. Eles argumentaram que não seriam como médicos tomando dinheiro da indústria, uma vez que bioeticistas não prescrevem medicamentos. Nem mesmo seria o caso de reguladores ganhando dinheiro, pois não controlam a aprovação de drogas. Seria como se os bioeticistas recebessem fundos para exercer caridade. Se a indústria farmacêutica oferece um pouco do muito dinheiro que possui, porque não aceitá-lo para fazer o bem diante de tantas injustiças?

Difícil não se ter uma leitura irônica diante do que se apresenta como uma argumentação que apresenta uma indisfarçável dose de cinismo. Pode-se até argumentar que receber dinheiro da indústria farmacêutica não significa obrigatoriamente endossar suas criticáveis práticas mercadológicas, mas fica pairando uma nuvem negra de dúvidas morais quanto às boas intenções de quem aceita esses recursos.

Para Elliott, bioeticistas sempre tiveram uma relação ambígua com o poder. O campo surgiu nos anos 1960 e a bioética lutou para defender direitos dos que não têm poder no âmbito das questões que envolvem

médicos e pacientes, sujeitos de pesquisa e pesquisadores, aqueles que não tem acesso a serviços de saúde e os burocratas públicos e seguradoras de saúde.

Mas, progressivamente, a bioética começou a mudar. À medida que recebeu legitimação, começou a se tornar mais incorporada nas estruturas da própria medicina. Um sinal representativo deste deslocamento seria a emergência nos anos 1980 da 'ética clínica', na qual os bioeticistas ofereciam um serviço prático e direto no sentido de melhorar a o cuidado dos pacientes.

Este comentário tem a função de destacar o espírito ambíguo da época na qual a ética médica se torna flexível em demasia para lidar com as relações delicadas que mantém com a indústria farmacêutica, como se os médicos acreditassem piamente que a prática de cuidado dos pacientes não é afetada pelos presentes variados e viagens pagas que recebem destas empresas.

Saindo da referida situação comprometedora em termos morais, é possível intuir o desgaste da perspectiva da bioética anglosaxã na indicação de Miguel Kottow: "Desde el interior de la bioética anglosajona y dicho por uno de sus pioneros y más egregios representantes, nace el lamento de lo tediosa y poco fructífera que se ha vuelto la disciplina, así como la sugerencia de abrirse a otras culturas y nuevas visiones para revitalizar el discurso bioético (Jonsen, 2000)" (Kottow, 2007: p. 11).

É esta bioética que é criticada por Thomas Lemke (2011), estudioso da biopolítica foucaultiana e seus desdobramentos ao sustentar que o ethos crítico de uma analítica da biopolítica

pode também interferir na presente dominância discursiva e institucional da bioética que estreitou o debate público das relações entre vida e política, uma vez que a discussão é sobretudo conduzida em termos éticos e tendo valores como argumento. Ele propõe que uma analítica da biopolítica nos oferece um modo de perceber a complexidade uma rede relacional. Já o discurso bioético obscurece a gênese histórica e o contexto social das inovações biotecnológicas e biomédicas para apresentar opções para processos de tomada de decisão.

Assim, este discurso falha em considerar as bases epistemológicas e tecnológicas dos processos da vida e sua integração em estratégias de poder e processos de subjetivação. A ênfase em bioética é em escolhas abstratas, e não há exame quanto a quem possui (e em que grau) os recursos materiais e intelectuais realmente para usar opções tecnológicas ou médicas específicas. Também, a bioética muitas vezes, negligencia as restrições sociais e expectativas institucionais que os indivíduos podem experimentar quando querem aproveitar opções que, em princípio, lhes estão disponíveis.

A bioética enfoca a questão: 'o que há para ser feito?' Reduz o problema a alternativas que podem ser tratadas e decididas. Dá respostas a demandas específicas. Uma analítica da biopolítica, por outro lado, busca gerar problemas, está interessada em questões que ainda não foram perguntadas. Aumenta a consciência de todas aquelas correlações históricas e sistemáticas que regularmente ficam fora do enquadramento bioético e seus debates pró e contra. Uma analítica da biopolítica abre novos horizontes para questionar e oportunidades para pensar e transgredir fronteiras disciplinares e políticas. É uma tarefa problematizadora e criativa que liga um diagnóstico do contemporâneo com uma orientação

para o futuro, enquanto ao mesmo tempo, desestabiliza modos de prática e pensamento aparentemente naturais ou auto-evidentes – convidando-nos a viver diferentemente. Como resultado, uma analítica da biopolítica tem uma dimensão especulativa e experimental: não afirma o que é, mas antecipa o que pode ser diferente.

Neste momento, um bioeticista como Miguel Kottow se constitui como uma referência essencial não apenas por sua reconhecida autoridade moral – mesmo que isto não se constitua necessariamente em um pré-requisito para a atuação bioética - mas por postular, entre seus muitos trabalhos relevantes, a necessidade de uma ética na qual “es preciso situarse en el terreno compartido donde todo ser humano es con el otro y para sí mismo; poner afán y dedicación en construir una bioética humana para seres humanos” ( Kottow, 2013). Neste sentido se destacam suas proposições de uma ética da proteção. Decerto, também, proteção diante da bioética moralmente ambígua descrita anteriormente.

Nas suas palavras: “(...) La ética de la protección, aplicada a la bioética como la más desarrollada de las éticas aplicadas , intenta ingresar en esta deliberación desde un punto de vista propio, em vez de bregar por la justicia, como es deber primario de toda ética, se propone reconocer la existencia de desigualdades entre los seres humanos y la falta de intención política efectiva por nivelarlas, enfatizando que urge desarrollar una ética a despecho de la desigualdad para hacer más llevaderas la injusticias prevalentes. La protección reconoce la asimetría de poder entre protector y protegido, de tal modo que se establece una relación de compromiso moral del

poderoso frente al débil. (...) (T)oda ética, la de protección no menos que otras, se inspira en la indignación por el incumplimiento del respeto entre las personas, y por la ausencia de ordenamientos sociales justos empeñados en cubrir, cuando menos, las necesidades básicas de todo individuo (Kottow, 2007, pp. 12-13).

Inevitavelmente, ainda temos razões que nos obrigam a nos indignar diante do estado de coisas no âmbito do sofrimento que ainda afeta a muitos grupos de pessoas na atualidade - por mais que pesquisas epidemiológicas indiquem que estados relativos ao mau humor podem fazer mal à saúde daqueles que teimam em se indignar...

### Bibliografía:

Elliott, C (2010). *White coat, Black Hat. Adventures on the dark side of Medicine.* Beacon Press: Boston.

Kottow, *Ética de protección (2007). Una propuesta de protección bioética.* Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

Kottow, M.(2013) *Discurso Albañiles de Babel*, Nuevos Folios de Bioética, N°. 10.

Lemke, T. (2011) *Biopolitics. An Advanced Introduction.* New York, NY University Press.